



75





75

pinturas

exposição comemorativa do cinquentenário do artista

de 13 a 30 de maio 75

vernissage 13 de maio 20 horas

na A GALERIA

rua haddock lobo 1111

telefones (011) 2821942 2825131 806434

são paulo brasil

aberta diariamente das 10 hs. as 23 hs.

instituto de arte contemporânea



A Arte Psicodélica (invenção de hippies de algum talento e muitos estímulos artificiais provocados intencionalmente com objetivo esperado) andava meio esquecida pelos críticos de arte. E totalmente desaparecida do noticiário da imprensa brasileira. Morreu o modismo? Não vamos discutir isso, aqui e agora. Vamos apenas tomar conhecimento da fase atual deste inquieto Paulo Galvão (Pagal) um homem que traz de volta as cores e as formas da chamada Arte Psicodélica. Que o artista garante ser feita "com absoluta lucidez"; portanto sem estímulos ou "inspiração" provocada. O resultado destas telas pintadas de janeiro até abril de 1975 é mais uma enxurrada de surpresas deste jovem pintor (pinta há menos de dez anos segundo afirma) que procura — com sofreguidão, angústia e doria até mesmo desespero — seu merecido lugar na arte brasileira dos anos setenta. Pois não foi com desespero que ele fez um auto-retrato

sobre tela branca utilizando seu próprio sangue depois de um mal-entendido entre garrafas de uísque e copos de cristal? A obra está lá em seu atelier para quem quiser constatar. Um aviso: o sangue que era vermelho-escuro virou marrom-terra.

Figurativo, acadêmico, abstrato-informal, abstrato-lírico, quase um construtivista; surrealista; ingênuo até o limite máximo dos autênticos **naifs**, Pagal está, agora, no limite máximo/mínimo da abstração que é o disfarce de figuras poéticas (vejam as pombas expressionistas escondidas num ninho surreal) ou de agressão declarada como acontece (acontecia) com os bichos fantásticos do então excelente Francisco da Silva, o índio do Acre emigrado para o Ceará.

Muitos dos animais/monstros de Pagal estão na mesma atitude de confronto: um querendo devorar o outro. Mas aqui são os seres humanos que se devoram. Noutras telas, a lembrança de Manabu Mabe é evidente e ato corajoso (negado por muito artista brasileiro mediocre, mas auto-suficiente) Pagal, ele próprio admite essa afinidade.

Banqueiro e bancário; homem esportivo e **playboy**, Pagal deixa bem claro que o mais importante, para ele (pelo menos no momento) é pintar. Talvez desiludido de cifras, uísques, boates e da famigerada "Doce Vita" ele se concentra na pintura e procura ser sério. E consegue. Mesmo na sua avassaladora inquietação, que o faz ser um pintor múltiplo em busca de uma linguagem pessoal. Isso é (e a História da Arte está cheia de ótimos exemplos) característica básica do verdadeiro artista.

O que ele mostra hoje (maio de 1975) para uma multidão de amigos é uma coletânea de pinturas divididas em três fases distintas: a Arte Psicodélica de cores fortes, agressivas, berrantes mesmo, onde óvulos, cortes celulares e espermatozoides circulam livremente no espaço cósmico e no espaço estético de suas telas pequenas. O artista afirma que estas telas são as suas preferidas.

Na outra fase, são manchas abstratas com textura acentuada e de muita beleza (elas dependem de luz artificial direta sobre a tela para maior apreensão) onde restos de algas ou vísceras complementam a composição mabeana.

A terceira e última fase são animais soltos em espaços azuis ou vermelhos; pássaros surrealistas e até mesmo apocalípticos voando ou se destruindo com muita voracidade. São esses pássaros, aves ou animais mergulhados no azul (e em alguns casos no verde também) o ponto alto e maduro da pintura de Pagal. Um expressionista de estilo muito pessoal e que tem tudo para se firmar cada vez mais. Só precisa, para isso, continuar desacreditando no mundo dos homens. Quanto maior o seu desengano e quanto maior ou mais sofrida a sua solidão; tanto maior será a sua obra. Atrás do sorriso iluminado deste homem há muita amargura. E uma obra séria precisa (ainda) de tudo isso para permanecer. E não apenas combinar com o sofá azul dos amigos ou o acrílico leitoso de clubes sofisticados. Pagal tem muito a dizer. Muito a aprender.

Muito a provar aos que acreditam naquilo que ele faz ou nas possibilidades imediatas de seu talento. O tempo vai contribuir com sua serenidade.

OLNEY KRUSE

abril de 1975

(Membro da ABCA — Associação Brasileira de Críticos de Arte)

instituto de arte
contemporânea

Coube a mim como amigo e não como crítico, apresentar PAULO CORRÊA GALVÃO no cenário artístico do país. A coragem de Paulo impressionou-me. Não aquele fruto maduro, que todo, ou quase todos, sabem dizer do seu aroma bom ou ruim, mas porque verde, um verde esperança que deixa prever uma rápida e boa maturação. Seus quadros com visão de ilhas cósmicas a vôo de pássaro, me agradam pela matéria telúrica e a sensibilidade pura das suas cores. Creio que abre-se a Pagal uma estrada, clara, nova e infinita. A estrada do espaço.

DI PRETE 69

Em 1968, Paulo Galvão (Pagal), apresentava-se pela primeira vez ao público e à crítica de arte. Volta hoje com um conjunto de trabalhos selecionados da sua produção de dois anos. Foi inútil querer convencer o Pagal que eu seria a pessoa menos indicada para apresentá-lo nesta segunda mostra. Quis-me como padrinho e aqui estou, nessa qualidade, para prestar algumas informações aos seus admiradores.

O Pagal — não se iludam com seus cabelos brancos — ainda é um jovem pintor. Mas já foi, sucessivamente homem da sociedade, chefe de indústrias, bancário e banqueiro.

Repentinamente, deu uma de "Gauguin", rompe com tudo e torna-se exclusivamente pintor.

Tomou aulas com Waldemar da Costa, meu velho e querido professor — frequentou cursos de pintura em Montreal, trabalhou continuamente e, graças à sua sensibilidade, produziu no seu Tahiti, da Rua dos Ingleses, este lindo e fantástico conjunto de quadros.

Como a maioria dos que virão visitar esta exposição, não sou crítico de arte — mas isto não me impede, como aos demais, de admirar na maioria de seus quadros o lirismo e a magia desse artista que transforma algas, limo, coral e madrepérolas em cidades maravilhosas, ao mesmo tempo reais e fantásticas.

Podemos pedir uma carona na cápsula espacial do artista, com destino à constelação do Cão Maior ou de uma galáxia desconhecida, lá do outro lado do Cosmos. E o Pagal, com um pincel flamejante nos mostrará meteoritos explodindo vulcões dentro do nada.

CLOVIS GRACIANO 70

Paulo Galvão (PAGAL) é navegador de dimensões novas. Seus temas figurativos singram o abstrato, e da aparente contradição, nascem o roteiro e o porto. Esta exposição é carta de marear: viagem que chama por nossos olhos, convite para que mergulhemos juntos num oceano pictórico que transborda das molduras e grita o nome das ilhas que somos.

PAULO BOMFIM 71

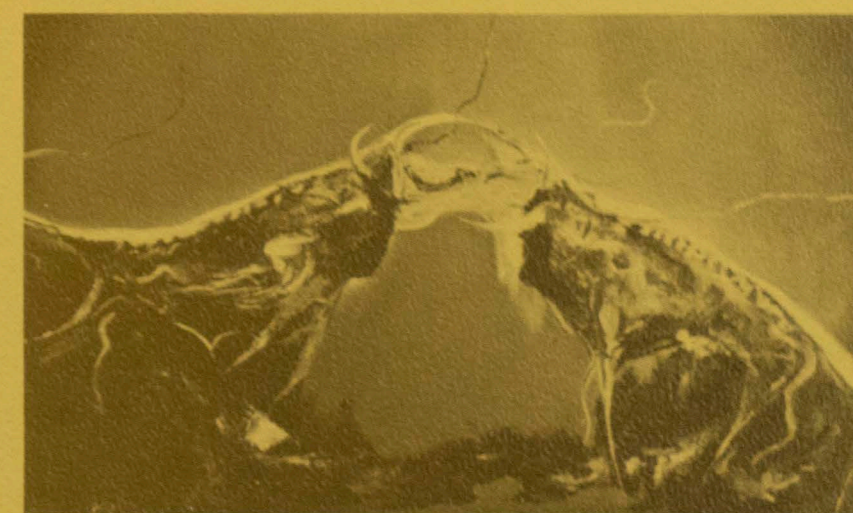
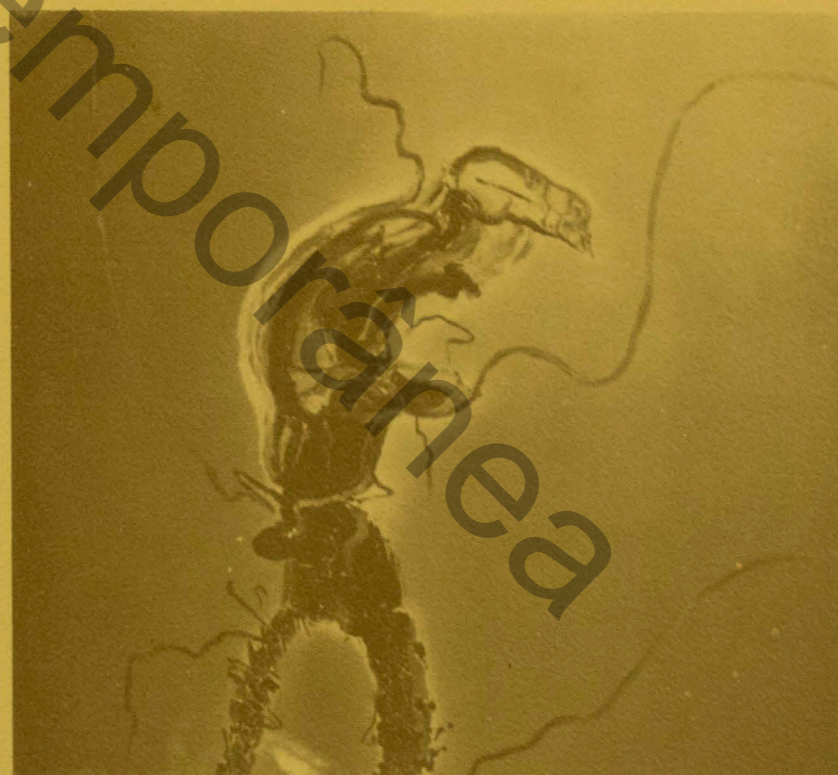
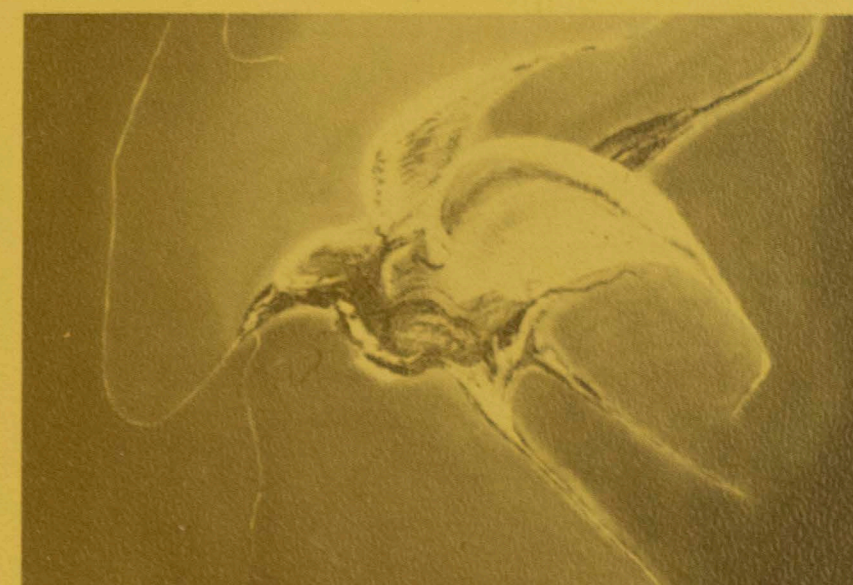
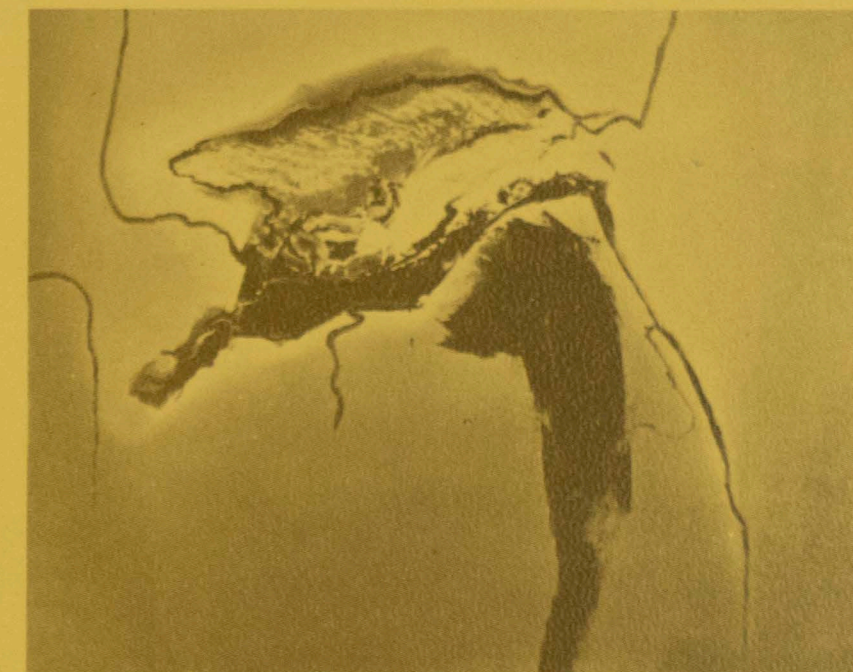
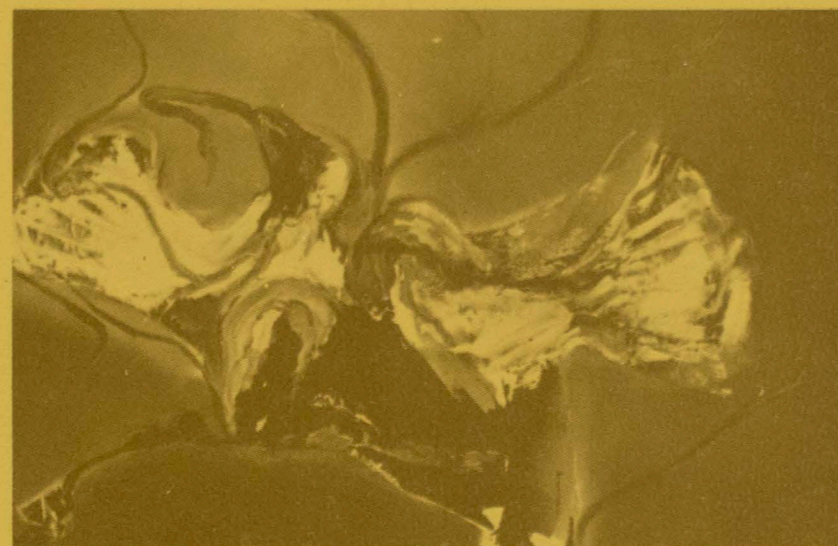
PAGAL frequentou cursos de pintura em Montreal, no Canadá, de 1946 a 1948, e recebeu lições de Mestre Waldemar da Costa, aí por volta de 50 a 53.

Sua inquietação o tem levado a sucessivas experiências algumas bem cedo abandonadas. Agora, deixando o abstracionismo informal, com o emprego de densa matéria enrugada, se dirige para as composições geométricas — uma pintura mais lúcida, mais limpa e mais organizada. Quero crer que este seja o seu melhor caminho, pois o que nesta fase nos apresenta, abstraído mesmo o aspecto da tendência, supera, e, a meu ver, de muito na qualidade, os seus trabalhos anteriores, seja na cor, seja no próprio tratamento da pintura.

Esperamos que o artista persevere, vá ao fim desse caminho, para que possa tirar, dessa nova fase, todas as virtualidades que o seu talento lhe permite.

PAULO MENDES DE ALMEIDA 72

instituto de arte contemporânea



instituto de arte contemporânea





75

pinturas

exposição comemorativa do cinquentenário do artista

de 13 a 30 maio '75

vernissage dia treze maio

oito horas da noite

na A GALERIA

rua Haddock Lobo 1111 - São Paulo

Patronesse Sra. **LUZIA DE MAGALHÃES PADILHA**